



Canal Auxílio EBD

Revista Lições Bíblicas CPAD 3º Trimestre de 2023 – Classe dos Adultos

Título: A Igreja de Cristo e o Império do Mal — Como viver neste Mundo dominado pelo espírito da Babilônia

Comentarista da Lição: Douglas Baptista

Autor dos Comentários (em azul): Ev Luiz Oliveira

Data da aula: 9 de Julho de 2023

NOTAS DE AULA

LIÇÃO 2

A DETURPAÇÃO DA DOUTRINA BÍBLICA DO PECADO

TEXTO ÁUREO

“Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Rm 3.20)

VERDADE PRÁTICA

O pecado de Adão arruinou toda a humanidade. Contudo, Jesus Cristo pode regenerar eficazmente o pecador.



LEITURA DIÁRIA

Segunda – 1Jo 3.4

Pecado é transgredir a Lei de Deus

Quinta – 1Pe 1.15

A santidade é um princípio ético e moral da fé cristã

Terça – Rm 5.12

O pecado de Adão passou a toda raça humana

Sexta – Hb 13.4

A prostituição não pode macular a sexualidade do cristão

Quarta – 2Co 5.17

Em Cristo, o pecador torna-se uma nova pessoa

Sábado – 1Co 6.19

O corpo do cristão é morada do Espírito Santo

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Romanos 3.9-20

9 – Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma! Pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, **todos estão debaixo do pecado**,

10 – como está escrito: **Não há um justo, nem um sequer.**

11 – Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus.

12 – Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só.

13 – A sua garganta é um sepulcro aberto; com a língua tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo de seus lábios;

14 – cuja boca está cheia de maldição e amargura.

15 – Os seus pés são ligeiros para derramar sangue.



16 – Em seus caminhos há destruição e miséria;

17 – e não conheceram o caminho da paz.

18 – Não há temor de Deus diante de seus olhos.

19 – Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus.

20 – Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A doutrina bíblica do pecado, por natureza, faz oposição às principais ideologias modernas que buscam enaltecer o homem, destacando sua suposta bondade intrínseca. Quando a doutrina bíblica do pecado é deturpada, então, tudo o mais no campo moral também o é. Talvez essa seja a raiz de fenômenos éticos tão distantes do cristianismo bíblico, que podem ser encontrados em movimentos que se dizem cristãos, tais como: “igreja gay”; “casamentos abertos”; “prática sexual entre solteiros” etc.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Expor o ensino bíblico da natureza pecaminosa; II) Pontuar teologias modernas que derivam da deturpação da doutrina bíblica do pecado; III) Mostrar as consequências da normalização do pecado.

B) Motivação: Quando assistimos pessoas influentes dizendo que a Bíblia deve ser atualizada diante dos desafios de gênero, saiba que estamos diante de cristãos que deixaram de lado a visão bíblica do pecado. Nesse sentido, não há disposição para sustentar uma verdade bíblica tão intragável para o mundo moderno: o homem é por natureza pecador e, por isso, deve se arrepender de seus pecados. Então, se enfraquecemos a doutrina bíblica do pecado, passamos a aceitar tudo o que a Bíblia diz que é pecado.

C) Sugestão de Método: Pergunte aos alunos se eles já ouviram falar de pecado social, teologia da libertação e liberalismo teológico. Ouça as respostas e, em seguida,



diga que essas três expressões são consequências do processo de deturpação da doutrina bíblica do pecado. Em seguida, inicie a exposição do primeiro tópico.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Esta lição exorta os alunos a não perderem de vista a doutrina bíblica do pecado. Devemos estar cientes de que a sociedade atual tem dificuldades de aceitar essa visão bíblica, mas ao mesmo tempo devemos estar encorajados a demonstrar que essa doutrina bíblica pode ser provada de maneira concreta em cada esquina onde uma pessoa é assaltada, assassinada e violada sexualmente.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à Lições Bíblicas Adultos. Na edição 94, p.37, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “A Sombra do Pecado”, localizado depois do primeiro tópico, aprofunda a reflexão a respeito da natureza do pecado; 2) O texto “Questões ambientais e sociais como extensão do pecado”, ao final do segundo tópico, traz uma ampliação a respeito das ênfases que derivam da deturpação da doutrina bíblica do pecado, adequando um eficaz entendimento do lugar social na doutrina bíblica do pecado.



COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A Queda no Éden transmitiu à humanidade a inclinação do coração humano ao erro.

Entendemos, pelas Sagradas Escrituras, que o primeiro casal, ao comerem do fruto proibido, tiveram uma mudança na sua natureza. O homem, que havia sido criado segundo a imagem e semelhança de Deus, agora estava sob o domínio da morte, por causa da sua decisão de desobedecer ao Criador e, também, por ter comido o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A partir do momento em que o casal comeu do fruto proibido, o conhecimento do bem e do mal foi introduzido na natureza humana, produzindo uma mudança na mesma. A partir de então, todos os descendentes do primeiro casal foram gerados nessa condição de “natureza alterada”, a qual está totalmente inclinada para o mal. Leiamos **Rm 5.12 – ARC**:

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”.

Por isso, a regeneração é o único meio possível de desfazer as consequências do pecado em que a natureza humana só pode ser transformada pela obra de Cristo (Tt 3.5,6).

Em relação ao que foi pontuado pelo comentarista, nós cremos que, pelo que vemos nas Sagradas Escrituras, a natureza humana dos salvos será transformada apenas no arrebatamento da Igreja. Até lá, teremos que continuar lutando contra ela, conforme disse Paulo em **Gl 5.16 – ARC**:

“Digo, porém: Andai em Espírito e não cumpreis a concupiscência da carne”.



No meu entendimento, se houvesse uma completa transformação da nossa natureza, após a aceitação de Cristo como nosso único e suficiente Salvador, não haveria a necessidade dessa exortação de Paulo.

Não obstante, por influência de teologias modernas, a Doutrina do Pecado vem sendo deturpada e enfraquecida.

Conforme citamos na lição 1, há uma movimentação espiritual, sob a forma de mudanças na cultura, para tornar as práticas contrárias à vontade de Deus cada vez mais aceitas no coração das pessoas. A cada dia nos deparamos com ataques, cada vez maiores, aos valores defendidos pelas Sagradas Escrituras, com o objetivo de destruir todos os referenciais divinos que pudessem ser encontrados na cultura. Um povo sem referência estará livre para fazer o que quiser, pois sua consciência não o acusará mais.

Esse processo abriu as portas para a normalização do pecado em muitos lugares denominados cristãos.

Se o processo de mudança cultural está, sem sombra de dúvidas, ocorrendo no mundo secular, o meio evangélico também está sendo afetado por ela. Paulo nos alerta que, no final dos tempos, alguns não estariam mais dispostos a ouvir as exortações da Palavra de Deus no que se refere à necessidade de se cultivar uma vida santa, e buscariam mestres que lhes apresentassem mensagens e ensinamentos que fossem ao encontro do seu modo de vida mundano. Estamos vivendo exatamente nesse tempo. Leiamos **2Tm 4.3,4 – NVT**:

“Pois virá o tempo em que as pessoas já não escutarão o ensino verdadeiro. Seguirão os próprios desejos e buscarão mestres que lhes digam apenas aquilo que agrada seus ouvidos. Rejeitarão a verdade e correrão atrás de mitos”.

Nesta lição, vamos estudar o perigo dessas teologias para a ortodoxia cristã.



Aqui o comentarista nos apresenta o principal objetivo da lição, que seria discutir sobre as teologias progressistas ou liberais.

Palavra-Chave: *Pecado*

I. O ENSINO BÍBLICO DA NATUREZA PECAMINOSA

1. Definição de Pecado. Dentre os termos para “pecado”, destacamos o substantivo hebraico *chatá*, cuja raiz significa “errar o alvo” (Gn 4.7); e o seu correspondente grego *hamartia*, que possui conotação de “erro moral” (2Pe 2.13,14). Assim, a Bíblia define “pecado” como a transgressão da Lei de Deus (1Jo 3.4).

Conforme tratamos brevemente na lição 1, há uma expectativa divina em relação às criaturas, no que diz respeito ao comportamento diante de Deus. Como criaturas de Deus, fomos formados para obedecer, servir e adorar a Deus. Todas as vezes que alguém pratica algo contrário aos objetivos pré-estabelecidos por Deus, configura-se em pecado, ou seja, essa pessoa errou o alvo, fez diferente daquilo que Deus esperava que ela fizesse.

A palavra abrange não apenas errar o alvo, mas deliberadamente acertar o alvo errado. Trata-se de rebelião e desobediência contra Deus e a sua Palavra (1Sm 15.22,23).

Aqui precisamos trazer um esclarecimento. Encontramos muitas pessoas que estão pecando contra Deus, mas por desconhecimento, ignorância. Quando alguém não conhece a Deus, seus pecados não deveriam ser considerados rebelião, e sim ignorância. Leiamos **1Tm 1.12,13 – NVT**:

“Agradeço àquele que me deu forças, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou digno de confiança e me designou para servi-lo, embora eu fosse blasfemo, perseguidor e violento. Contudo, recebi misericórdia, porque agia por ignorância e incredulidade”.



Rebelião é fazer algo contrário ao que foi determinado, com conhecimento de causa e por decisão própria. Isso se aplica entre aqueles que, conhecendo o Evangelho de Cristo, se esforçam por deturpá-lo, com o objetivo de viver de forma mais “livre”.

Além disso, o pecado afasta o homem de Deus, fazendo-o pecar contra o próximo (1Jo 1.6,7) e por se omitir em fazer o bem (Tg 4.17).

A Bíblia afirma que a prática do pecado afasta o homem de Deus. Leiamos **Is 59.2 – ARC**:

“Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça”.

Em relação aos tipos de pecado, todos eles ofendem a Deus, pois, conforme já vimos, pecar é fazer diferente daquilo que Deus esperava que fizéssemos. Porém, o nosso pecado pode atingir outras pessoas também, seja por ação ou por omissão, conforme o comentarista pontuou.

Portanto, pecado é a condição do homem não regenerado e só pode ser expelido por meio do Novo Nascimento (Jo 3.3-7).

Aqui precisamos esclarecer mais um ponto. Viver dominado pelo pecado é a realidade de vida daqueles que não foram alcançados pela salvação em Cristo Jesus. Apenas através da regeneração, ou seja, do Novo Nascimento, é que alguém é liberto desse domínio do pecado, é perdoado e passa a viver para agradar a Deus. Mas, é importante lembrarmos que, mesmo depois do Novo Nascimento, ainda estamos vivendo nesse corpo, que tem suas vontades e paixões. Isso significa que, conforme já tratamos há pouco, não estamos livres de pecar, nem de sermos tentados.

Essa reconciliação do homem com Deus só é possível em Cristo Jesus (2Co 5.19).

Sem dúvida, o Senhor Jesus Cristo é o único caminho que leva a Deus, conforme Ele mesmo afirmou em **Jo 14.6 – ARC**:



“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

2. A universalidade do Pecado. O ser humano foi criado em estado de inocência, sem pecado, perfeito (Ec 7.29) e dotado de livre-arbítrio (Gn 2.16,17). Porém, o primeiro homem escolheu desobedecer a Deus e a sua Queda corrompeu toda a humanidade (Gn 3.9-19).

Notem que a ação de desobedecer não foi, isoladamente, a causadora de todos os problemas que enfrentamos hoje. O fato do primeiro casal ter ingerido do fruto proibido também contribuiu com esse quadro. O conhecimento do bem e do mal, de alguma forma, contribuiu para que a natureza humana fosse corrompida.

O pecado de Adão foi transmitido a toda raça humana (Rm 5.12). Assim, a partir da Queda, todos os seres humanos nascem em pecado (Sl 51.5).

A ação de Adão em desobedecer a Deus e comer do fruto proibido causou a mudança na natureza humana, sendo esta reproduzida em todos os descendentes do primeiro casal.

Portanto, o pecado não é passado adiante meramente pela força do mau exemplo, mas é um mal inerente à natureza humana (Rm 7.14-24).

Lembrando que essa natureza humana é que governa o nosso homem natural, ou seja, a nossa “carne”. Leiamos **Rm 7.18-20 – NVT**:

“E eu sei que em mim, isto é, em minha natureza humana, não há nada de bom, pois quero fazer o que é certo, mas não consigo. Quero fazer o bem, mas não o faço. Não quero fazer o que é errado, mas, ainda assim, o faço. Então, se faço o que não quero, na verdade não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim”.

Por conta do que aconteceu no Éden, a natureza humana foi transformada e, desde então, o desejo pelos prazeres carnis a tem dominado.



Em consequência disso, todo ser humano está debaixo da escravidão do pecado e da condenação da morte (Rm 3.23; 6.23).

Todos aqueles que não aceitaram a Cristo como Salvador estão sob o domínio da natureza humana e, por essa causa, afastados de Deus e destinados à condenação eterna.

Apesar de corrompida pelo pecado, a natureza humana pode ser eficazmente regenerada pela fé em Cristo (Rm 3.24; 2Co 5.17).

Conforme já tratamos há pouco, cremos que a natureza humana vai ser restaurada somente após o arrebatamento da Igreja, quando receberemos um corpo glorificado, semelhante ao do Senhor Jesus. Leiamos **Fp 3.21 – NVT**:

“Ele tomará nosso frágil corpo mortal e o transformará num corpo glorioso como o dele, usando o mesmo poder com o qual submeterá todas as coisas a seu domínio”.

3. Corrupção Total. É o estado de corrupção mental, moral e espiritual da natureza humana (Rm 3.10-18).

Isso significa que a natureza humana está totalmente inclinada a fazer o que lhe traz prazer, independentemente de ser ou não contrário ao que está contido na Palavra de Deus. O que acontece é que a maioria absoluta das coisas que dão prazer à carne são ações pecaminosas.

Nesse aspecto, a inclinação para fazer o errado é resultado do pecado (Gn 6.5; Rm 5.19). Por causa da Queda, todas as áreas de nosso ser foram corrompidas.

Paulo afirmou isso no texto já lido, de Rm 7.18-20.

Essa corrupção impede o homem de tomar a iniciativa no processo de regeneração (Rm 8.7,8). Ele só pode ser liberto do pecado após o convencimento do Espírito (Jo 16.8).



O que o comentarista quis dizer é que o homem natural não consegue compreender a necessidade da salvação sem que haja a ação do Espírito Santo. O Senhor Jesus afirmou que uma das operações do Espírito Santo está ligada ao convencimento do pecador em relação ao pecado, à justiça e ao juízo. Leiamos **Jo 16.7,8 – ARC**:

“Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vô-lo-ei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo”.

Mas essa ação do Consolador está diretamente ligada à ação da Igreja em pregar o Evangelho de Cristo a todas as nações. Se não houver a pregação das Boas Novas, o Espírito Santo não tem material para trabalhar no coração das pessoas.

Sem essa ajuda divina ninguém pode ser transformado (Tt 3.5), ou seja, o livre-arbítrio precisa ser divinamente restaurado (Rm 2.4).

Conforme citado, somente o Espírito Santo é quem convence o homem do pecado. Sem a ação dEle, não há verdadeira conversão. Porém, o livre-arbítrio restaurado somente ocorre com os salvos, tendo em vista que, depois do Novo Nascimento, temos a verdadeira liberdade de escolher o que quisermos, podendo exercer o livre-arbítrio na sua plenitude.

Somente por meio da graça o homem recebe capacidade para crer, arrepender-se e ser salvo (Rm 3.24,25).

Aqui precisamos entender como é que essa graça age. Em primeiro lugar, a ação do Espírito Santo no convencimento do pecador é feita como favor imerecido. Deus nunca foi obrigado a fazer isso, tendo em vista que o homem é que decidiu se afastar de Deus, por causa do pecado. Todas as vezes que o Espírito Santo age no coração de alguém, convencendo essa pessoa de que ela é pecadora e que precisa de Deus, o Pai está demonstrando o Seu grande amor pela humanidade.

Dessa forma, a libertação do pecado não provém de nenhum esforço humano, mas é gratuita e divinamente ofertada (Rm 6.23; Ef 2.8,9).



A iniciativa em oferecer a salvação a todos foi inteiramente de Deus, conforme tratamos há pouco.

SINOPSE I

O pecado é a transgressão da Lei de Deus. Por ele, o ser humano foi totalmente corrompido.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

A SOMBRA DO PECADO

“Compreender o pecado nos ajuda no conhecimento de Deus, porém o pecado distorce até mesmo nosso conhecimento do próprio-eu. Mas se a luz da iluminação divina consegue penetrar essas trevas, e não somente as trevas mas também a própria luz, então poderão ser melhor analisadas. Percebe-se a importância prática do estudo do pecado na sua gravidade. O pecado é contra Deus. Afeta a totalidade da criação, inclusive a humanidade. Até mesmo o menor dos pecados pode provocar o juízo eterno. E o remédio para o pecado é nada menos que a morte de Cristo na cruz” (HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p.263).

II. AS TEOLOGIAS MODERNAS

1. Teologia do pecado social. A tese do pecado social remonta aos concílios católicos de Medellín (1968, Colômbia) e Puebla (1979, México). Essa tese defende que o pecado é algo que se constrói por meio de estruturas opressoras, tais como, a pobreza, a injustiça e a desigualdade.

Essa teologia defende que os atos pecaminosos não têm sua origem devido à natureza humana caída, mas sim que são motivados por motivos externos à pessoa. Em resumo,



o pecado não estaria enraizado na natureza humana, mas todos as ações pecaminosas seriam reações ao que a pessoa estaria “sofrendo” na sociedade.

Dessa maneira, a redenção do pecado não se restringe ao aspecto espiritual, sendo preciso tratar as questões sociais.

Isso significa que, para os defensores dessa teologia, a solução para o problema do pecado seria a solução dos problemas sociais, tais como: pobreza, injustiça ou desigualdade.

O pecado deixa de ser tratado no nível da moral e passa a ser considerado no nível econômico e social.

Percebam a mudança de valores que a cultura mundana tenta implantar no meio religioso. Essa teologia representa um outro tipo de doutrina de demônios, conforme Paulo nos alertou. Leiamos **1Tm 4.1,2 – ARC**:

“Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência”.

A mudança de ênfase do pecado original (natureza humana) para o pecado social (estrutural) enfraquece a responsabilidade moral do pecador. Então, deixa-se de enfatizar a causa para explorar os sintomas (Mt 23.27,28).

Segundo o senso comum, as vítimas não devem ser responsabilizadas por suas ações. Por exemplo, vemos a esquerda brasileira tentando defender aqueles que cometem crimes, usando a desculpa de que essas pessoas são vítimas sociais, ou seja, o crime seria cometido porque a pessoa estaria sofrendo alguma injustiça social. Mas, pelo que vemos nas Sagradas Escrituras, nenhuma ação externa isenta alguém de prestar contas sobre seus atos. O caso bíblico clássico sobre esse tema é a história da queda do primeiro casal. Eva foi enganada pela serpente, mas todos responderam por seus atos: Adão, Eva e até a serpente. Se fosse observada essa teologia ali no Éden, apenas a serpente seria responsabilizada pelo pecado do primeiro casal.



A partir daí, resolver as questões da ordem social é visto como solução para o problema do pecado. Naturalmente, essa é uma deturpação do ensino bíblico a respeito do pecado.

Segundo o comentarista pontuou no livro de apoio, os problemas sociais são os frutos gerados por vidas pecaminosas, e não o contrário.

2. Teologia da libertação. A teologia da libertação tem afinidade com as ideias socialistas de Karl Marx. Essa teoria busca “libertar” o oprimido das estruturas opressoras da sociedade. Ela nasce na década de 1970 com Gustavo Gutiérrez (Peru) e Leonardo Boff (Brasil).

Essa teologia é mais um desdobramento da Teologia do Pecado Social. Ela defende que, a exemplo da primeira, todos os problemas relacionados ao pecado seriam resolvidos se os problemas sociais não existissem.

Para eles, o estudo teológico não deve estar centrado em doutrinas bíblicas para libertar o homem do pecado, mas na indignação social para libertar o homem da injustiça social, econômica e cultural.

Aqui vemos, novamente, grandes semelhanças entre a Teologia do Pecado Social e a Teologia da Libertação.

Desse impulso surgem as teologias de cunho emancipatório de gênero (transexualidade), de sexualidade (homossexualidade) e de raça.

Essas outras teologias denominadas inclusivas surgiram por conta da “insatisfação” dessas pessoas que se consideravam injustiçadas, levando-as a se posicionar em defesa dos desejos do seu coração, ao invés de se submeterem às verdades bíblicas.

Uma de suas vertentes é a Teologia da Missão Integral (TMI). O grande impacto dessas influências é que a fé cristã é reduzida a militância política socialista e marxista.



Percebam que, segundo o comentarista, essa Teologia da Missão Integral defende a militância política e não a transformação espiritual. Há uma completa mudança de foco no modo como a Igreja deveria agir. Esse movimento é frontalmente contrário ao que defende as Sagradas Escrituras.

As pautas sociais e progressistas são disfarçadas pela roupagem de Evangelho, postas acima dos valores morais do Reino de Deus. Então, transforma-se o Evangelho em inconformismo, criticismo e assistencialismo (1Co 15.19; Fp 3.18-20).

Mais uma vez, o comentarista pontua os valores deturpados dessa teologia, que a afasta completamente dos objetivos traçados por Deus para a Igreja.

3. Liberalismo teológico. Após a Reforma Protestante (1517), floresce o liberalismo teológico, onde a razão é colocada acima da revelação divina. Como resultado disso, a inspiração, inerrância e infalibilidade das Escrituras são questionadas; os milagres e o sobrenatural são considerados mitológicos; as doutrinas da fé são reinterpretadas e ressignificadas.

É importante frisarmos que não foi a Reforma Protestante a responsável pelo liberalismo teológico. O que ocorreu foi que, com a facilitação do acesso às Sagradas Escrituras, que foi um dos resultados da Reforma Protestante, foi observado um aumento no aparecimento de doutrinas mais liberais, defendidas por pessoas que não desejavam se submeter às verdades bíblicas, mas que buscavam formas de torná-las mais “suaves” aos ouvidos humanos. Essa suavidade está ligada ao atendimento às aspirações do coração humano, de se viver uma vida com maior liberdade no que diz respeito ao atendimento dos desejos da carne, entre outras coisas.

Troca-se a mensagem da salvação de arrependimento, confissão de pecados e mudança de caráter por uma visão progressista que enfatiza a transformação social pelo paradigma do marxismo.

Vemos também nessa teologia liberal os traços da Teologia do Pecado Social, onde há a transferência da responsabilidade pelo pecado para fora do homem. Com isso, nela defende-se a luta contra as injustiças sociais.



Assim, o pecado é relativizado, o ecumenismo religioso é propagado e toda experiência espiritual é considerada válida.

Conforme citamos na Lição 1, o movimento orquestrado pelo inferno para deturpar o verdadeiro ensino das Sagradas Escrituras utiliza-se de muitas ferramentas e práticas, conforme o comentarista pontuou aqui.

O ideário da teologia liberal é de oposição às antigas doutrinas bíblicas que se fundamentam na revelação das Escrituras (2Tm 4.3).

Em resumo, a teologia liberal é uma “nova teologia”. Quanto a isso, Paulo nos exorta fortemente. Leiamos **Gl 1.8,9 – NVT**:

“Que seja amaldiçoado qualquer um, incluindo nós, ou mesmo um anjo do céu, que anunciar boas-novas diferentes das que nós lhes anunciamos. Repito o que disse antes: se alguém anunciar boas-novas diferentes das que vocês receberam, que seja amaldiçoado”.

SINOPSE II

A teologia do pecado social, da libertação e o liberalismo teológico derivam da deturpação da doutrina bíblica do pecado.

III. A NORMALIZAÇÃO DO PECADO

1. Crise ética e moral. Em termos gerais, os valores que regulam a conduta de uma pessoa denominam-se ética (1Pe 1.15) e a prática dessa conduta recebe o nome de moral. Nessa concepção, a obediência aos princípios bíblicos reflete o caráter de um cristão (Rm 12.2).

A ética cristã apresenta dos valores da Cultura do Reino de Deus. Esses valores estão totalmente baseados na Palavra de Deus. Através da ética cristã, somos instruídos a como nos conduzir de forma a agradar a Deus, mesmo vivendo em meio ao caos moral,



como ocorre hoje. E, conforme o comentarista pontuou, quando praticamos o que a Palavra de Deus nos ensina, estamos tendo um comportamento moral. Como o caráter é o conjunto das qualidades (boas ou más) de um indivíduo, que lhe determinam a conduta e a concepção moral, quando alguém tem sua vida dirigida pelos valores do Reino de Deus, essa pessoa pode ser classificada como alguém de caráter cristão.

Porém, o conceito deturpado e relativizado do pecado resulta em desvio e falha de caráter (2Tm 3.5). Desse modo, a sociedade deixa de ser eticamente sólida e se torna moralmente desajustada (Hc 1.4). Dessa crise de integridade irrompe ações incompatíveis com a fé bíblica (Rm 2.21,22).

Conforme já tratamos, se alguém dá ouvidos à cultura mundana e se permite ser influenciado por ela, seus valores éticos e seu comportamento moral acaba por se corromper, tendo em vista que a cultura mundana age na desconstrução dos valores judaico-cristãos. Uma vez que os valores cristãos foram removidos da consciência de alguém, o comportamento dessa pessoa refletirá essa falta de referência daquilo que é bom e correto diante de Deus, abrindo precedente para todo tipo de ações pecaminosas, pois essa pessoa buscará apenas atender aos desejos do seu coração.

Temas progressistas violam a ética e a moral bíblicas e passam a ser normalizados, tais como: a imoralidade sexual, o aborto e o uso de drogas ilícitas (1Sm 2.6; Rm 1.27; 1Co 6.15,19).

Notem mais uma vez a palavra progressista. Ela está ligada àqueles que buscam mudar aquilo que já havia sido estabelecido como padrão moral pelas Sagradas Escrituras. Os progressistas são os maiores defensores do Hedonismo.

2. Imoralidade sexual. A deturpação da doutrina do pecado favorece o avanço da imoralidade sexual (Rm 1.24). Em defesa da liberdade de decisão sobre o corpo, banaliza-se o sexo pré-conjugal, extraconjugal, normaliza-se a homossexualidade (Rm 1.26,27) e a doutrina da castidade é vista como opressora (Rm 6.12).

Acabamos de citar sobre o Hedonismo, que é a busca desenfreada pelo prazer. Quando a cultura mundana consegue deturpar os valores de uma pessoa, esta passa a viver



em função dos seus desejos carnis, buscando todas as formas desfrutar do máximo prazer. Todos sabemos que os pecados de cunho sexual estão entre os mais atraentes e são essas práticas as mais buscadas pelas pessoas. No intuito de viver a tão sonhada “liberdade”, as pessoas acabam considerando qualquer limite imposto pelas Sagradas Escrituras como sendo opressor, pois quer impedir que essa pessoa seja “feliz”.

Nesse aspecto, o afrouxamento da moral, o ensino da ideologia de gênero e a erotização da infância promovem luxúria e licenciosidade.

Aqui o comentarista cita três ações terríveis que estão causando muito mal à humanidade. Tivemos a remoção dos paradigmas judaico-cristãos da cultura e o que sobrou foi uma grande confusão. Ninguém mais tem consciência do que é certo ou errado, tendo em vista que as referências do que é correto foram removidas da cultura. Daí vemos essa questão pontuada do afrouxamento moral. A ideologia de gênero veio para corromper as futuras gerações, trazendo confusão e aprisionamento espiritual ainda mais profundos. Com a erotização da infância produz jovens e adolescentes desajustados, causando um grande mal às futuras gerações.

O pecado é tolerado, a família é desconstruída e a doutrina da santidade é negligenciada (Hb 13.4).

Tudo isso é o resultado percebido na vida daqueles que se curvam ante à cultura mundana.

3. A dessacralização da vida. As Escrituras ensinam que a vida humana é sagrada porque tem origem divina (Gn 1.27). Por conseguinte, a vida é inviolável e deve ser valorizada (2Pe 1.3).

Nós, como servos de Cristo, entendemos claramente essa questão e precisamos nos posicionar em defesa da vida!

O corpo humano deve ser cuidado, alimentado e preservado (Ef 5.29).



O corpo em que vivemos é de propriedade de Deus e estamos ocupando-o apenas como um “empréstimo”. Sendo assim, precisamos cuidar muito bem desse corpo, preservando-o o máximo possível. Quem destruir o corpo terá que prestar contas diante de Deus. Leiamos **Ef 5.28,29 – NVT**:

“Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua esposa, como amam o próprio corpo, pois o homem que ama sua esposa na verdade ama a si mesmo. Ninguém odeia o próprio corpo, mas o alimenta e cuida dele, como Cristo cuida da igreja”.

Leiamos ainda **1Co 3.16,17 – ARC**:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”.

Não obstante, a vulgarização do pecado fomenta ideologias que desprezam a sacralidade e a dignidade humana. Propala-se a autonomia incondicional sobre o próprio corpo sem as devidas limitações éticas e morais. O slogan “meu corpo, minhas regras” reivindica o pseudodireito de a pessoa usar drogas, prostituir-se, abortar, cometer o suicídio e a eutanásia.

Essas ações elencadas pelo comentarista apresentam o comportamento de alguém que já se rendeu à cultura mundana, tendo seus valores éticos completamente desvirtuados daqueles que as Sagradas Escrituras defendem.

Assim, o corpo que é templo do Espírito Santo é profanado (1Co 6.19).

Conforme tratado há pouco.

A criatura, de modo proposital, afronta a vontade do Criador (Rm 1.25).

Algumas vezes por ignorância, outras por convicção. Mas, precisamos nos lembrar de que todos teremos que prestar contas diante de Deus.



SINOPSE III

Quando se normaliza o pecado sobra uma crise ética e moral, bem como a dessacralização da vida.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

QUESTÕES AMBIENTAIS E SOCIAIS COMO EXTENSÃO DO PECADO

“A compreensão da natureza do pecado deve renovar a nossa sensibilidade diante das questões do meio ambiente e levar-nos a retomar a comissão original de cuidar do mundo de Deus, o qual não devemos deixar nas mãos daqueles que preferem adorar a criação ao invés de ao Criador. Questões como justiça social e necessidade humana devem ser advogadas pela Igreja como testemunho da veracidade do amor, em contraste à mentira que é o pecado. Mesmo assim, semelhante testemunho deve apontar sempre para o Deus da justiça e do amor, que enviou o seu Filho a morrer por nós. Somente a salvação, e não a legislação ou um evangelho social que desconsidera a cruz [...], pode curar o problema e seus sintomas” (HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p.298).

CONCLUSÃO

A relativização do pecado que o restringe à solução de pautas sociais em prejuízo da moral e, por sua vez, o exclusivismo moral em detrimento de causas sociais, igualmente, não retratam a fé cristã. Apesar de a Igreja não ser apolítica e nem insensível às desigualdades sociais, o mal primário a ser combatido é o pecado inerente à natureza humana. Uma vez regenerado pela fé em Cristo, o crente repudia as injustiças contra o seu próximo (Rm 1.18; 1Co 13.6). A Igreja atuante é aquela que ainda milita na terra contra a carne, o mundo, o Diabo, o pecado e a morte (Ef 6.12).



REVISANDO O CONTEÚDO

1. Segundo a lição, como a Bíblia define o “pecado”?

A Bíblia define “pecado” como a transgressão da Lei de Deus (1Jo 3.4).

2. O que é Corrupção Total?

É o estado de corrupção mental, moral e espiritual da natureza humana (Rm 3.10-18).

3. O que enfraquece a responsabilidade moral do pecador?

A mudança de ênfase do pecado original (natureza humana) para o pecado social (estrutural) enfraquece a responsabilidade moral do pecador.

4. O que reflete o caráter do cristão?

A obediência aos princípios bíblicos reflete o caráter de um cristão (Rm 12.2).

5. Por que a vida humana é sagrada?

As Escrituras ensinam que a vida humana é sagrada porque tem origem divina (Gn 1.27).

VOCABULÁRIO

Emancipatório de gênero: Libertação e independência do gênero biológico.

Marxista: Relativo a Karl Marx e sua doutrina exposta em suas obras.

Progressista: Relativo à ideia de transformação, revolução e reformas no campo social, ético e moral.

Inconformismo: Tendência e atitude de estar inconformado; recusa de aceitar a condição incômoda ou desfavorável.

Críticismo: Relativo ao ato de criticar de maneira generalizada e mórbida alguma coisa ou objeto.

Assistencialismo: Um sistema de assistência aos carentes e necessitados.

Liberalismo Teológico: Método de abordagem da religião sob uma perspectiva crítica, racionalista e materialista.

Ideário: Conjunto de ideias principais de um autor, doutrina ou movimento.

Propalar: Tornar público; divulgar; dar publicidade.



A DETURPAÇÃO DA DOUTRINA BÍBLICA DO PECADO

Amigo(a) professora(a), nesta lição, estudaremos a tentativa das teologias modernas de descaracterizar a doutrina do pecado. O conceito de pecado, a universalidade do pecado e o estado de corrupção total revelados na Palavra de Deus têm sido substituídos por uma perspectiva social da realidade. Nesse sentido, a responsabilidade moral do pecador em relação ao pecado é tratada como trivial frente aos problemas sociais que acarretam o pecado. Esse entendimento trata as questões sociais como causa e não como consequência da Queda do homem (Gn 3). Obviamente, essa é uma deturpação do ensino bíblico sobre o pecado.

A tentativa de deturpar a compreensão bíblica do pecado é mais uma obra de Satanás para afastar o homem de Deus. Essas distorções teológicas têm como raiz o relativismo religioso. No relativismo, prevalece a crença de que não há religião boa ou ruim, melhor ou pior. Afinal, o que é a religião, se não a interpretação particularista de cada grupo ou denominação em busca de explicações a respeito do metafísico? Para o relativismo, a religião não possui caráter objetivo.

O relativismo religioso tem invadido muitas igrejas no meio evangélico em forma de movimentos que sugerem um novo formato de igreja e uma interpretação “atualizada” das Escrituras. O movimento que tenta desacreditar a Bíblia como suficiente origina-se de “teologias inclusivas”. Apesar de assumir aparentemente um perfil agregador, social e de valorização do indivíduo enquanto pessoa, essas teologias, de forma sutil, reinterpretam a Palavra de Deus. Para seus críticos, o Evangelho deve se adequar ao tipo de pessoas que vivem na sociedade pós-moderna, suscitando, assim, uma geração de crentes pouco compromissada ou confiante no poder transformador e libertador da Palavra.

Na perspectiva bíblica, de acordo com Walle, na obra *Santidade, Uma Introdução Teológica* (CPAD), “a ideia de transgressão está relacionada à ideia de iniquidade (‘*āwôn*’ no hebraico), ‘a ideia de torcer ou distorção’. A iniquidade se refere ao desvio de um curso reto e verdadeiro ou à falha em cumprir as exigências da justiça e ter uma abordagem correta e imparcial. E, mais especificamente, ela significa a falha dos seres humanos em cumprir a Lei de Deus” (WALE, 2022, p.93). Logo, a Bíblia é suficiente



para apontar a nocividade do pecado e a necessidade de arrependimento, oferecer ao crente a manutenção da fé e mostrar o caminho que leva à vida eterna.

